Relação do que se praticou na Cidade do Funchal da Ilha da Madeira, no dia 17 de Dezembro de 1816, em que a Camara fez celebrar as funebres Ceremonias da Fracção *dos Escudos, e Reaes Exequias pela alma da Serenissima Rainha a Senhora D. Maria I.*

SEndo a Ilha da Madeira huma das Colonias mais apreciaveis da Coroa de Portugal, cujos habitantes assás se distinguem pelo amor, e lealdade que consagrão aos seus Augustos Soberanos, o que não só he nascido do exemplo de fidelidade que a Nação sempre tem manifestado para com os seus Grandes Monarcas, como tambem de hum puro reconhecimento pelas repetidas Graças com que os mesmos Soberanos sempre procurárão distinguir, e felicitar esta mesma Colonia; devia verificar-se nella na presente occasião, em que se lamenta a sentidissima morte da Serenissima Rainha a Senhora D. Maria I., hum publico testemunho do quanto foi sensivel a todo este Povo huma tão grande perda; em consequencia do que se empenhou a Camara desta Cidade, para que as funebres Ceremonias da *Fracção* dos Escudos, e Reaes Exequias pela alma de tão amavel Soberana correspondessem á grandeza daquelle objecto.

Chegando-lhe no dia 21 de Outubro de 1816 hum Officio do Excellentissimo Governador e Capitão General deste Estado Florencio José Corrêa de Mello, em que lhe participava o fallecimento de Sua Magestade a Augustissima Rainha Nossa Senhora, immediatamente o Doutor Joaquim José Nabuco de Araujo, Juiz de Fóra, e Presidente da mesma Camara, fez sahir hum acompanhamento de muitos dos seus Officiaes, com a maior pompa e decencia, a fim de ser publicado o luto por tempo de hum anno, seis mezes rigoroso, e seis alliviado, a cujo luto se deo principio logo depois da referida publicação, pois sem perda de tempo se retirárão todos os Cidadãos a suas casas para sahirem vestidos na forma determinada. O sobredito Presidente da Camara, conhecendo os desejos que esta manifestava de fazer humas Exequias as mais pomposas, e as mais dignas do Real Objecto a que erão dedicadas, e desejoso igualmente de as ver realizadas com toda a grandeza possivel, determinou que tudo se executasse no dia 17 de Dezembro, por ser indispensavel esta demora ao arranjo do Mausoléo, que devia servir nas mesmas Reaes Exequias.

Destinado pois o referido dia para a execução de hum, e outro Acto, officiou a mesma Camara ao Excellentissimo Bispo, Vigario Apostolico, fazendo-lhe esta participação, e rogando a S. Exc.ª se dignasse fazer a Homilia para aquella lugubre Ceremonia: officiou igualmente ao mesmo Excellentissimo Governador e Capitão General Florencio José Corrêa de Mello, supplicando-lhe a sua assistencia no Acto das Reaes Exequias, e exigindo de S. Exc.ª que o Batalhão de Artilheria, e o Regimento de Milicias do Funchal se reunissem em Brigada na manhã do referido dia, fazendo tudo o mais que lhe dictasse o seu zelo a favor de hum objecto digno do nosso amor, e da nossa fidelidade: tambem officiou ao Reverendo Cabido da Sé pedindo-lhe a sua assistencia, e os seus esforços para se executar tudo com a maior regularidade, e decencia: á Communidade de S. Francisco para assistir ás mesmas Exequias, e mandar dobrar os sinos na sua respectiva Igreja, o que igualmente se pedio a todas as Abbadeças dos Conventos Regulares; e S. Exc.ª Reverendissima mandou ordem a todas as Collegiadas, tanto para se dobrarem os sinos, como para comparecerem naquella Cathedral a fim de assistirem com o Reverendo Cabido, e mais Clero, e executarem o que era da sua

obrigação. Convidou a Camara, por outro Officio, ao Desembargador Corregedor da Comarca, Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque, para assistir ás referidas Exequias. O Escrivão da Camara, em nome da mesma, officiou a todas as pessoas da Governança para assistirem a hum, e outro Acto, e a outras mais pessoas da Nobreza da terra; aos Almotacés, e Guardas Móres da Saude; aos Advogados dos Auditorios; ao Juiz da Alfandega e todos os Officiaes da mesma; ao Major de Milicias do Regimento da Calheta, e sua Officialidade; aos Officiaes de Ordenanças de maior Patente; a todos os Medicos; aos Commerciantes Portuguezes; á Corporação dos Commerciantes Britanicos; aos Consules das differentes Nações; ao Juiz do Povo, e Casa dos Vinte e Quatro, além do convite publico pelo Edital do costume.

Convocadas todas estas, e outras mais pessoas nas Casas da Camara, principiou a sahir aquelle acompanhamento pelas nove horas da manhã do referido dia, precedido do Procurador do Concelho Pedro Agostinho Teixeira de Vasconcellos, montado em hum cavallo acobertado de preto, e o Estandarte da Camara desenrolado, com assento preto: caminhava a pé do lado direito o Alcaide da Cidade, e da esquerda o Meirinho da Correição. Seguião-se os Procuradores dos Auditorios, os Contadores, e Partidores, os Escrivães do Geral, e os Tabelliães de Notas, todos vestidos de preto carregados de luto, com capas compridas, chapéos desabados, e fumos cahidos; e atrás destes todas as mais pessoas convidadas, occupando os lugares que lhes forão destinados. Quanto porém aos Camaristas, pessoas da Governança, Advogados dos Auditorios, e Juiz, e Officiaes da Alfandega, hião todos carregados de luto com capas compridas, chapéos desabados, e fumos cahidos, na mesma fórma dos Procuradores, dos Escrivães do Geral, e dos Tabelliães de Notas. No meio de toda esta comitiva, e em seus respectivos lugares, hião tres pessoas, tiradas dos mais antigos Vereadores, levando cada huma dellas seu Escudo com as Armas Reaes em campo preto no braço esquerdo, junto ao peito. O Senado da Camara, com varas pretas, occupava o ultimo lugar, figurando nelle as pessoas seguintes: — O Doutor Juiz de Fóra, Presidente, Joaquim José Nabuco de Araujo: os Vereadores João Manoel Tello de Menezes, Antonio Caetano Aragão, Ayres d'Ornellas e Vasconcellos, o Escrivão do mesmo Senado, Bernardino José Pereira da Camara; e os quatro Procuradores dos Mesteres, Pedro Francisco Gomes, Antonio José Lopes de Carvalho, Manoel Joaquim Teixeira, e Alexandre José Moniz. Era escoltado todo este Corpo de huma luzida Guarda do Regimento de Milicias do Funchal, com as armas em funeral, precedido da musica do Batalhão de Artilheria, que hia tocando peças proprias de tão doloroso Acto.

A pouca distancia das Casas da Camara, muito em frente da Cathedral, e do Passeio publico, estava o primeiro Plinto com o seu escabello todo coberto de preto, e guardado por huma escolta Miliciana: chegando a elle o Capitão Mór Nuno de Freitas da Silva, que era o primeiro dos que levavão os Escudos, subio acima, tirou o chapéo, e á sua imitação todas as pessoas que alli se achavão, proferindo em hum tom bastantemente mavioso, que a todos fez verter lagrimas de verdadeiro enternecimento, as palavras seguintes: « Chorai Clero, Nobreza, e Povo, que he morta a nossa Augusta Soberana, a Senhora D. Maria I. »; e levantando o Escudo, o quebrou sobre o escabello, lançando os fragmentos para huma bolça de seda preta, que para este fim trazia o Porteiro da Camara. Dirigio-se logo todo o Corpo pela rua do

Aljube, rua dos Ferreiros, e rua Direita; e chegando ao largo do Pelourinho, aonde estava o segundo Plinto guardado por outra escolta, subio a elle João Paulo Esmeraldo, e quebrou o segundo Escudo, praticadas as mesmas Ceremonias. Continuou-se a marcha na mesma boa ordem, pela ponte da Praça, rua dos Mercadores, rua do Sabão, rua dos Murças, e outras mais ruas, até ao largo do Chafariz, debaixo da Fortaleza de S. Lourenço, aonde estava o terceiro Plinto, e alli executou Luiz Corrêa Acciaioly a mesma Ceremonia pela maneira praticada nos outros lugares. Concluido este funebre Acto, atravessou o respeitavel Corpo o Passeio publico, entrando na Cathedral, aonde já estava o Excellentissimo Bispo, e immediatamente chegou o Excellentissimo Governador, e Capitão General, com todo o seu Estado Maior; o Desembargador Corregedor da Comarca, e mais alguns illustres convidados, além do grande concurso de povo da Cidade, e de todos os lugares circumvizinhos.

Achava-se o Templo armado todo de luto com varios emblemas analogos á triste Ceremonia, que se pertendia celebrar. Bem a meio da Igreja, em frente da Capella Mór, se elevava hum elegantissimo, e soberbo Mausoléo, inventado, e desenhado por Raphael Trajani, mas posto em execução debaixo das vistas, e direcção de Manoel de Sousa Drummond, que gratuitamente se encarregou da sua construcção. Era esta obra construida com todos os preceitos da melhor architectura, sendo a sua baze de vinte e tres pés de largo, á frente, e de vinte e sete de comprido aos lados, sobre que se firmava hum Plinto de nove pés de alto. Este Plinto era ornado de quatro elegantes figuras, que representavão as quatro partes do Mundo, em ar triste, e collocadas nas duas frentes do mesmo Plinto: nos entervallos havião outras não menos elegantes figuras, em differentes gestos de doloroso pranto. A meio da frente estava a figura, emblema desta Ilha, em aptitude de huma verdadeira, e justa consternação, exprimindo com a maior energia, em seu semblante, a mais intensa dôr; e a meio dos lados os Genios das Artes, e da Cultura, todos com epitafios em versos Latinos compostos pelo Doutor Anastacio Moniz Bettencourt, Professor Regio de Philosofia, tão analogos á acção, como recommendaveis por seus conceitos.

Sobre este Plinto estavão collocadas doze columnas Jonicas, que da baze aos capitéis continhão dezoito pés, e sobre a sua alquitrave, fechava a cúpula de nove pés de alto, cujo forro era o mais elegante possivel em pintura, admiravelmente executada pelo referido Rafael Trajani. Ao lado deste Edificio, para o Altar Mór, havia huma porta por onde subio o Excellentissimo Prelado com os mais Ministros Ecclesiasticos, todos ricamente paramentados, a praticar as absolvições, sahindo repartidamente por duas portas oppostas no segundo Plinto; tendo ao lado da frente huma grande medalha de figura espherica, imitando marmore branco com fundo preto, á maneira de hum grande camafeo, onde estava o Retrato da Soberana sustentado por hum Genio, e pela figura da Immortalidade; e por outro lado a coroava a Fama.

Sobre este segundo Plinto havia hum estrado, ou pedestal guarnecido de festões brancos com remates de meios bustos collocados sobre o marmore preto, e filetes de ouro: em cima deste pedestal estava o Féretro de quatro pés de bronze, o corpo de marmore branco, guarnecido de festões de ouro, tendo sobre a cabeceira hum rico coxim que sustentava huma Coroa, e Sceptro dourado. Aos lados do mesmo estrado, ou pedestal, havião duas figuras em vulto; huma, que ficava á direita, era a Prudencia; e a outra, que ficava

á esquerda, era a Justiça; figuras estas que merecêrão muito a attenção do Publico.

Nos intervallos das columnas sobre o primeiro Plinto havião oito tripodes bem guarnecidas, com as luzes de grande facho; e nas frentes quatro perfumadores bronzeados, e dourados, elegantemente feitos, que lançavão os perfumes. Aos lados nos angulos do segundo Plinto estavão quatro differentes tripodes com iguaes luzes, que ao todo erão doze fachas, cujas luzes permanecêrão até ás seis horas da tarde na mesma dimensão, e substancia sem soccorro de alguem para a sua reforma; obra esta que igualmente comprova o grande engenho do Director do Mausoléo, por ser invenção sua, e posta em pratica sem o menor defeito.

Este edificio, feito em quarenta dias, occupando de operarios dezeseis a vinte, e collocado por partes na Igreja Cathedral, sem que fosse necessario andame algum para as levar aos seus devidos lugares, que apezar de serem de tanto pezo, todas ellas cahirão o mais unido possivel, parecia ser hum edificio levantado alli de seu pé. Ainda que esta obra era ameaçadora de algum perigo, com tudo, foi tão bem administrada, e prevenida, que não houve nella o mais leve desgosto nos operarios.

Tendo entrado todo o Cortejo, deposto o Regio Estandarte junto ao Altar Mór, do lado do Evangelho, na forma do costume, e tomados os lugares destinados, começou o Officio logo por hum numeroso Coro de Ecclesiasticos, tanto Seculares como Regulares, sendo as Lições cantadas pelos Reverendos Capitulares da Cathedral, e os Responsorios habilmente executados por escolhidos Musicos, cujas peças, além de serem acompanhadas de huma completa orquestra, erão de insigne composição: seguio-se a Missa solemne, officiando Pontificalmente o Excellentissimo e Reverendissimo Bispo Vigario Apostolico, sendo toda a Missa, e mais musica, composição sua. Prégou o mesmo Excellentissimo Prelado, admirando a todos naquella Oração funebre com a sua grande eloquencia, e vasta erudição, pintando de hum modo o mais energico as Altas Virtudes de tão amavel Soberana. Terminou finalmente este Acto com as solemnes Absolvições do costume, sendo os Responsorios a musica, e acompanhados da mesma orquestra, tendo assistido a tudo hum prodigioso numero de convidados, pelos quaes se distribuio outras tantas tochas, além das que se derão a todas as pessoas, que tinhão tomado assento para assistirem com os mesmos convidados a esta magestosa, e funebre Ceremonia. Todo o Clero Regular e Secular celebrou Missa naquelle dia pela alma da Augustissima Soberana, pagando a Camara por cada huma Missa quinhentos réis.

Acabadas as Absolvições, seguio-se a salva real do parque de Artilheria do Batalhão, que estava postado no largo da Sé; as tres descargas de Mosquetaria do mesmo Batalhão; as tres do Regimento de Milicias do Funchal, que tambem se achava postado no largo do chafariz, junto ao Passeio publico, sendo todo este Corpo commandado pelo Brigadeiro Jorge Frederico Lecor; e ultimamente a salva geral de todas as Fortalezas da Cidade. Com isto se deo fim ás Reaes Exequias, divisando-se no semblante de todos os espectadores tão grande sentimento pela morte da sua Augustissima Soberana, quanto Ella pelas suas heroicas virtudes, e tão feliz Governo, fez venturosa a Nação Portugueza.

NA IMPRESSÃO REGIA.